

## Editorial

Talvez devêssemos dizer sexualidade pós-moderna, que é o que ocorreu e ocorre no mundo após a revolução francesa, do final do século XVIII. Mas o que mudou na sexualidade? O que parece que permanece igual? O importante é tentar entender a sexualidade em nossos dias.

O mundo está cada vez mais acelerado, cada vez fazemos mais coisas em menos tempo, o dia é um dia lotado, em uma tarde, uma noite ou em uma jornada de trabalho a velocidade das coisas é espantosa. Quanto mais realizamos mais temos para realizar, o tempo parece não dar para nada... E quanto tempo sobra para o exercício da sexualidade?

Parece natural ter pressa; se você dorme tarde e tem que acordar cedo, que tempo tem para a cama? E não é na cama que se faz sexo? Aliás usar a cama para fazer sexo é uma coisa que não mudou... Os pródromos sexuais e o coito precisam ser rápidos e o orgasmo idem, não é ato que as mulheres reclamam que os homens não as excitam e os homens que tem ejaculação precoce..

E o desejo? A sociedade é desejante, desejamos sempre e somos levados a desejar tudo, de viagens a automóveis passando por uma infinidade de prazeres possíveis, e então como fica o desejo sexual? O quanto ele passou a uma necessidade fisiológica e perdeu a importância como resultante da vida amorosa? Ou ficou secundário sendo sobrepujado por um automóvel como mostra um anúncio da TV no qual um belo carro é mais desejado que uma bela e atraente mulher. Outro dia uma pesquisa mostrou que em algum lugar do mundo, Estados Unidos, acho, a maioria das pessoas preferiam ficar sem sexo a ficar sem a internet, o computador com seu mundo virtual é hoje o maior instrumento para se satisfazer desejos.

O desejo sexual não está abandonado, pelo contrário, está vulgarizado, ele se realiza associado (muitas vezes em segundo plano) a uma infinidade de coisas que desejamos ter, como carros, TVs, geladeiras, casas, hotéis em viagens, comida sofisticada em caros restaurantes, etc. Os produtos nos são apresentados no marketing, unidos ao desejo sexual, vulgarizando-o, e ele mesmo é usado para o comércio das mercadorias sexuais. O sexo é um dos produtos mais vendidos, a mídia instala o desejo e através dessa mesma mídia vende-se e compra-se a realização dos desejos eróticos. As mercadorias do prazer estão em toda parte, cinemas, televisão jornais e ao vivo nas ruas.

Já a excitação hoje não precisa de esforço há vibradores de todos os tipos, pênis artificiais, máquinas de coito, bonecas sexuais perfeitas, até robôs, e ainda drogas eréticas. O mercado descobriu que a coisa que o desejo desperta a excitação, é a excitação facilitadora do desejo, e assim as empresas se esmeram em por no mercado produtos desejáveis. E tudo isso para sermos cada vez mais rápidos e eficientes.

Filhos? Mas a tecnologia pode providenciá-los sem as incertezas do coito, os riscos de DSTs e ainda evita os transtornos do parto. Hoje a mulher pode alugar uma barriga que cresça no lugar da sua, isso para satisfazer o desejo de materno e paterno, mas sem os riscos do gestar.

Parece que não há hoje coisa mais secundária para a reprodução do que o sexo. A vagina fica preservada para o prazer. E o útero para ser vigiado pelos médicos buscando diagnosticar precocemente eventuais doenças.

Mas não há perigo, o sexo não vai acabar, ele dá prazer, o prazer do coito homo ou hetero é inerente à socialização dos humanos, a sexualidade apenas vai mudar, já mudou, está mudando tão velozmente que confunde e assusta.

*Paulo Canella*